

# Revisitando MCluhan: os telefones celulares sob uma ótica mcluhaniana

Gil Horta Rodrigues Couto\*  
Faculdade do Sudeste Mineiro

## Índice

### Resumo

– O artigo propõe visitar a tese de Mcluhan (2001), *o meio é a mensagem*, aplicando-a aos usos contemporâneos dos telefones celulares. Faremos aqui um exercício onde procuraremos evidenciar os estudos mais recentes sobre os telefones celulares e os resultados de uso do meio a partir do referencial teórico e de um material coletado com usuários através de entrevistas que produzimos com pessoas acima de 18 anos. Nesse trato qualitativo procuramos, acima de tudo, nos distanciar dos usos subjetivos da tecnologia, tentando compreender outras funções que emergem dos telefones celulares na atualidade.

## 1 Introdução

Objetiva-se nesse artigo visitar a tese de Mcluhan (1967, 2001), *o meio é a men-*

---

\*Mestre do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor da disciplina Criação e Produção em áudio da Facsum [Faculdade do Sudeste Mineiro/ Juiz de Fora]. Jornalista e Radialista/ Rádio Solar FM de Juiz de Fora/ Minas Gerais/ Brasil.

*sagem*, aplicando-a aos usos contemporâneos dos telefones celulares. Sinteticamente, entenderemos esse aforismo a partir do que ele mesmo diz no seu livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*.

Logo nos momentos iniciais da obra, Mcluhan (op.cit) afirma que “a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (P. 22). Em que pese esse argumento, como podemos introduzi-lo aos usos do telefone celular? Poderíamos notar, na utilização dos telefones celulares, mudanças significativas em termos de novas competências adquiridas? Ou ainda, consequências sociais?

## 2 Mcluhan revisitado

Em três semestres de estudos sobre os efeitos materiais dos meios, entre os anos de 2006 e 2007, um rico universo teórico fez parte da disciplina Evoluções das Novas Tecnologias pertencente a grade curricular do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dentre os pressupostos teóricos que davam suporte as apresentações orais dos professores

Erick Felinto e Vinícius Andrade Pereira, destacou-se Marshall McLuhan (2001) e seu texto, *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem*. Quando apresentado provocou uma interessante rodada de discussões, principalmente, quando sua tese *o meio é a mensagem* foi abordada.

Em outra ocasião, o professor Márcio Gonçalves, também docente da Pós em comunicação UERJ, comandou um grupo de estudos que evidenciou uma abordagem aprofundada do livro de McLuhan citado acima. Nesse sentido e nessas oportunidades o contato com a obra de McLuhan foi substancial.

Assim, o que significa elencar o meio como o verdadeiro responsável pela mensagem? Tratando do tema conforme McLuhan e Staines (2005), McLuhan em 1974, durante conferência na Flórida [E.UA.] diria que, entre os efeitos do meio, ele é a mensagem a partir do instante que proporciona, por exemplo, mudanças no ambiente em que é utilizado. McLuhan, nessa conferência, argumentava que o meio, dentre seus efeitos, seria gerador de ambientes novos, entendendo esses ambientes como novas maneiras de uso para a tecnologia, por exemplo, utilizar o telefone celular para compor com o vestuário, ou para exibi-lo, retratando uma condição de distinção social.

Encontramos em Nicolaci-da-Costa (2006) e Santaella (2007) quando as pesquisadoras se referem aos telefones celulares o que McLuhan afirmou quando as pessoas não se dão conta das modificações que ocorrem a partir dos usos de uma dada tecnologia. Em momento anterior, McLuhan (1967) já admitia que “o homem não fica perplexo ante a extensão sensorial que

obtem com o avanço tecnológico senão que sequer percebe o que lhe acontece de fato – o ‘feed-back’ o molda e ele não toma consciência do fenômeno” (P. 20).

Retomando os celulares, podemos observar, portanto, uma diversidade de usuários que, certamente, não deram conta das competências adquiridas, por exemplo, como adaptar a visão para diminutas telas, utilizar minúsculas teclas, adaptando o dedo para efetivar suas ligações, ajustar a audição no intuito de reconhecer o toque de seu aparelho pessoal entre tantas sonoridades urbanas conforme já havia notado Pereira (2006).

### 3 Métodos

Faremos aqui um exercício onde procuraremos evidenciar os estudos mais recentes sobre os telefones celulares e os resultados de uso da mídia a partir de um material coletado com usuários através de entrevistas que produzimos com pessoas acima de 18 anos.

Nesse trato qualitativo procuramos, acima de tudo, nos distanciar dos usos subjetivos da tecnologia, entendendo uso subjetivo aquele que está intimamente ligado as funções dos telefones, por exemplo, ligar para alguém, enviar mensagem de texto. Certamente, pesquisas que abordem os usos subjetivos, são importantes na medida em que proporcionam análises de uso efetivo das funções dos diversos dispositivos tecnológicos, entretanto, para esse trabalho, se fossemos optar por esse caminho, estaríamos nos distanciando, em muito, de uma análise baseada nas idéias de Marshall McLuhan.

## 4 Tecnologia Ubíqua

Talvez, jamais tenha existido um impacto tão profundo nos processos comunicacionais como o que acontece na contemporaneidade. A internet é um exemplo claro das modificações, nos modos de emissão, canal e recepção da mensagem.

Sobre estudos relativos a comunicação via Internet, suas estruturas, efeitos, desdobramentos, evidenciam-se vários pesquisadores por todas as partes do planeta e somente aqui no Brasil, trabalhos de envergadura foram elaborados e outros tantos estão em andamento em várias frentes de pesquisa comprovando que nessas empreitadas uma considerável parcela de professores/ pesquisadores dedicam inúmeras horas de estudo aos processos comunicacionais contemporâneos com base na comunicação digital.

Foi, exatamente, na leitura de um desses trabalhos, recente por sinal, que nos atentamos para um, grosso modo, aviso fazendo um chamamento a importância do telefone celular nesse ambiente tecnológico/ comunicacional.

Santaella (2007) discute – a partir das idéias de Bauman (2001, 2004, 2007) [centradas no que ele, sempre, definiu como situações líquidas] – a fluidez dos processos ligados a comunicação, a mobilidade desses processos, seus dispositivos e, mais adiante, no transcorrer da sua narrativa, elenca o telefone celular como elemento significativo, para a comunicação atual, com a seguinte argumentação.

Para ela, os pesquisadores que evidenciam a comunicação digital em seus estudos, de certo modo, deixaram de observar, com um pouco mais de atenção, um elemento tecnológico midiático que, certamente, trouxe

na bagagem um conjunto de possibilidades funcionais, inclusive de acesso a própria Internet, introduzindo nas coisas humanas novos padrões de comunicação, por exemplo, as mensagens curtas que trafegam a todo instante de celular a celular. Mas Santaella (op.cit) não reduz suas argumentações, correlatas ao uso do telefone celular, somente a utilizações funcionais. A autora entende que outras funções, sociais, por exemplo, estão embutidas nos usos da tecnologia.

A ubiquidade do telefone celular pode ser observada, por exemplo, a partir das estatísticas que acompanham as habilitações de novas linhas no Brasil. Já superando os 152 milhões de telefones habilitados<sup>1</sup>, conforme a Agência Nacional de Comunicações [Anatel], os aparelhos vem sendo absorvidos numa proporção geométrica significativa (SANTAELLA, *ibidem*: 232). Se esse fluxo de habilitações dos telefones celulares aumenta, significativamente, a cada mês, então, de que modo os usuários se apropriam da tecnologia? Vamos observar algumas modificações que surgiram a partir dos usos maciços dos telefones celulares.

### 4.1 Onde você está?

Durante pelo menos um ano, no período já mencionado aqui, produzimos várias entrevistas com usuários de telefones celulares tentando, primordialmente, encontrar em suas respostas sinais que pudessem evidenciar usos diferenciados da tecnologia.

A primeira observação esteve intimamente ligada no ato de receber ou efetuar uma chamada. Praticamente, todas as pessoas entrevistadas disseram que a primeira pergunta

<sup>1</sup>Números obtidos em março de 2009

feita quando recebem ou fazem uma ligação é *onde você está?* Perguntamos por que não falar alô, como no telefone fixo? Para os pesquisados era importante saber a localização do interlocutor. Conforme Santaella (2007), para essa dinâmica;

De um lado, o celular traz a presença do usuário pessoas e situações remotas, ou seja, a presença do que está ausente; de outro, o falante também entra na situação vivida pelo interlocutor. Algo similar já sucedia com o telefone fixo. Entretanto, nesse caso, o lugar ocupado pelos membros da conversação era pressuposto e raramente entrava no conteúdo da comunicação. O espaço ocupado e a situação vivida pelos falantes não eram partes o assunto comunicado porque não era objeto de indagação. Na comunicação móvel, pelo contrário, a primeira pergunta que é feita, assim que a conexão se instala é : *onde você está?* (p. 237-238).

Os telefones celulares, conforme Bauman (2004), são para pessoas em constante movimento e, parece que para os interlocutores, a informação do local de onde se fala torna-se crucial.

Entretanto, para nós emerge, nesse contexto, um primeiro ambiente de serviços, conforme já salientava McLuhan, onde o espaço tem importância menor. É indiferente se o usuário está no Rio de Janeiro, ou em Minas Gerais, São Paulo, Nova York. O que importa é, concretamente, a disponibilidade para ser encontrado e, nesse sentido, Santaella (2007) complementa o argumento, pois “embora em deslocamento contínuo, subjacente a qualquer informação que o falante forneça sobre o lugar transitório que ocupa, esta é a resposta: *‘sempre ao alcance’*” (p.238). Assim, esta, talvez seja uma das primeiras modificações engen-

dradas pelo telefone celular. Disponibilizar as pessoas para serem alcançadas<sup>2</sup>.

Se procurarmos ampliar essa argumentação de Santaella (op.cit) recuperaremos em Katz (1997) o que seria a gênese do estar sempre ao alcance. Por exemplo, ele já pressupunha, ainda na década de 1990 que as transformações a partir dos usos dos celulares seriam significativos e ele já predizia que “até pouco tempo, estar em trânsito geralmente significava estar inacessível para as comunicações telefônicas. Porém, com a mobilidade da comunicação sem fio, podemos supor que as varias limitações atribuídas às pessoas [...] intensificam o interesse da comunicação celular” (KATZ, 1997:97).

Nesse sentido, acreditamos que existam vários aspectos, embutidos, na resposta *sempre a alcance*. Dentre eles destacamos dois, sendo o primeiro deles correlato ao controle das pessoas e o outro ligado a otimização do trabalho.

#### 4.1.1 Controle

Ser alvo de uma chamada, fora de hora, pelo celular é algo recorrente nos dias atuais. Quando menos se espera lá está o visor do telefone celular cintilando acompanhado por um tom musical ou pelo roncar do vibracall indicando que alguém nos procura ou, nos controla.

Nas entrevistas que produzimos, a maioria dos entrevistados disseram que de algum

<sup>2</sup>Mesmo que o telefone celular esteja desligado ou fora de área ou mesmo que o sinal de transmissão não esteja de boa qualidade, as operadoras de telefonia móvel disponibilizam um serviço que avisa, quando o telefone for ativado ou o sinal de transmissão melhorar que aquele aparelho recebeu uma chamada. Assim, o usuário, de posse desse serviço, sempre saberá quem tentou entrar em contato.

modo o telefone celular é usado para o controle. Uma das entrevistadas chegou a dizer que o telefone celular *ganho de presente dos pais era mais para saber onde ela estava e, conforme ela mesma afirmou, quando e a que horas voltaria para casa.*

Retomando Katz (1997) ele já apostava que “a revolução da tecnologia sem fio promete mudar nossas vidas, ampliando nossa capacidade de fazer as coisas que gostamos e [...] também amplia a possibilidade de os outros nos conectarem [...]” (p. 93), e em seu artigo *As Conseqüências Sociais da Comunicação Sem Fio* fez algumas apostas sobre os efeitos que os telefones celulares teriam nas coisas humanas.

Para ele a partir dos usos emergiriam efeitos de distintas ordens, dentre eles a redução da incerteza e, desse modo, muitos eventos na vida cotidiana teriam um tratamento bem mais eficiente com o uso do telefone celular. Se a pessoa estiver longe de um telefone fixo, ainda assim poderá otimizar o seu tempo reduzindo significativamente tensões e ansiedades. Entretanto, Katz (op.cit) percebeu um subefeito que ficou evidenciado com redução da incerteza: o relacionamento entre pais e filhos. Katz (ibidem) parece querer dizer que o uso do telefone celular seria para, principalmente, saber da localização das crianças, ou seja, onde elas estariam em determinado momento consultado. Esse argumento de Katz (ibidem) reforça a fala, acima, de nossa entrevistada.

Distanciando, agora, do controle onde o telefone celular pode mediar essa dinâmica, pretendemos verificar como a tecnologia é utilizada na otimização do tempo no trabalho.

#### 4.1.2 O Trabalho

As atividades profissionais, certamente, receberam um *aditivo* potente com a introdução do telefone celular mediando os negócios. Apresentaremos aqui dois exemplos de modificações no trabalho que ocorreram a partir do uso do telefone celular. Os dois casos nos foram relatados pelos entrevistados para nosso estudo.

O primeiro caso está relacionado com o comércio ambulante. O usuário, vendedor de cachorro-quente no bairro Eldorado, cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, nos informou que a sua atividade sofreu modificações a partir do momento que forneceu o número do seu telefone celular para os clientes.

O celular está repousado dentro de uma caixa, próximo de frascos de molhos, rádio e fica acessível ao seu proprietário, pois está num campo de visão privilegiado para o ambulante e é indispensável ao seu trabalho, por exemplo, quando atende uma chamada tendo como origem um cliente que faz determinado pedido. Desse modo, o processo de confecção do sanduíche será otimizado.

A própria identificação, no visor ou tela do aparelho, do cliente promovida pelo sistema identificador de chamadas, já promove um atendimento mais rápido, pois o ambulante cria uma rede de clientes os quais, aqui continuando a ousadia na análise, já conhece suas preferências na montagem dos sanduíches pedidos.

Talvez, o vendedor nem precise atender a ligação, pois através do identificador de chamadas do celular já indicaria que o telefonema é de um cliente e, pela prática do ambulante, sabedor das preferências desse cliente, o pedido já estaria sendo encaminhado.

O segundo caso levou-nos a um consultório dentário. O cirurgião dentista nos informou que o telefone celular é de grande importância nas suas atividades e que essa certeza vem desde 1993 quando teve contato com o primeiro aparelho.

Na década de 1990, segundo nos informou o entrevistado, era comum os dentistas da CROE<sup>3</sup> utilizarem o BIP [Pager]<sup>4</sup> para serem localizados. Segundo ele, existe na clínica um sistema de plantão entre os profissionais que lá atuam e, no caso de uma urgência e se o dentista não estivesse no consultório ou fora a clínica era contatado pelo Pager. Era uma dinâmica laboriosa, pois após o contato via Pager o dentista teria de utilizar de um telefone fixo para entrar em contato com a clínica e ficar a par do que estaria ocorrendo. Com a implantação do uso de telefones celulares essa atividade ganhou ritmo e consequentemente agilidade nos atendimentos<sup>5</sup>.

Em Couto (2007a) o cirurgião dentista diz por que adotou o telefone celular em suas atividades.

Para tornar mais fácil as pessoas me localizarem. Na época eu fazia plantão na CROE e usávamos o BIP. Então, eu tinha que parar, encontrar um telefone fixo, ligar para saber qual era o problema. Com o celular

<sup>3</sup> Centro de Recuperação Oral Especializado. Clínica Odontológica situada na Avenida Barão do Rio Branco em Juiz de Fora.

<sup>4</sup> Pager é um dispositivo que, através de uma rede eletrônica, contata pessoas. Precedente das tecnologias digitais móveis alcançou grande popularidade entre as décadas de 1980 e 1990. Interligava uma central, através de transmissões de rádio até o usuário (COUTO, 2007: 220).

<sup>5</sup> E determinou, efetivamente, o fim da Central BIP em Juiz de Fora. Com a difusão e consumo crescente dos telefones celulares o BIP deixou de ser utilizado na cidade.

isso ficou mais fácil, porque a clínica ligava direto pra gente. Ao invés de usar o BIP, eles ligavam, era uma coisa mais fácil [...] então o celular substituiu o BIP (p. 216).

Nesses dois casos, a efetivação do trabalho ganhou novos contornos, não existindo mais o intermediário [BIP], como no caso do odontólogo e patenteou-se a identificação das preferências dos clientes na confecção de sanduíches no caso do ambulante.

Percebe-se que, com os usos dos telefones celulares, novos hábitos foram agregados nos comportamentos ou nas atividades profissionais dos usuários. Entretanto, em quais outras atividades, onde os telefones celulares estejam inseridos, efetivam-se modificações?

## 4.2 Câmera, Ação

Antes de prosseguir com essa questão, retomemos uma de nossas entrevistas. Entrevistamos uma gerente de loja que comercializa telefones celulares. Dentre as perguntas que fizemos, elaboramos esta: existe alguma peculiaridade na comercialização dos telefones celulares? A resposta da gerente foi direta: *tem que ter câmera. Não vendo mais celular sem câmera.*

Se a exigência do consumidor é a câmera fotográfica, então, nesse sentido, qual é a representatividade de uma fotografia advinda de uma captura feita através do telefone celular?

Lemos (2007) produziu estudo que, em parte, contemplou os destinos das fotos *tiradas* através dos celulares. Com o seu texto *Comunicação e Práticas Sociais no Espaço Urbano* ele propôs pensar: como pode ser caracterizada a foto via telefone celular? E nós pensamos num complemento a essa

questão: qual é a especificidade principal para a foto tirada pelo celular que a diferença de uma foto tirada de uma máquina fotográfica, por exemplo?

Acreditamos que, a mobilidade do telefone celular, mas principalmente por ser portátil e estar constantemente com seu proprietário, seja, inicialmente, uma característica que tenha de ser pensada como diferencial na produção das fotos. Entretanto, o próprio Lemos (op.cit) adverte que as fotos captadas através do telefone celular têm sentido diferente das fotos obtidas pela câmera. “As características do dispositivo já encarnam essa subjetividade: as fotos são tiradas, vistas e descartadas imediatamente, elas circulam como forma de fazer contato: enviar para amigos, mostrando onde se está, os momentos banais, fora da solenidade. São imagens imediatas, presenteístas, pessoais e móveis” (p.34).

A portabilidade do celular, certamente, é responsável pela efemeridade das fotos, sendo *descartáveis*. Marcam o momento, circulam, por exemplo, num site de relacionamentos como o Orkut e desaparecem.

Um de nossos entrevistados nos forneceu um exemplo que representa bem essa dinâmica. Segundo ele, estava andando pelas margens do Rio Paraibuna<sup>6</sup> quando viu um casal de capivaras tomando sol em uma das margens. Imediatamente ele pegou o celular e registrou o momento. Para ele aquele registro teria como destino *mostrar a amigos e em casa*.

Outro exemplo, conforme Couto (2007b) ocorreu na Rodoviária Novo Rio na cidade do Rio de Janeiro entre os meses de abril e maio de 2007. Nesta ocasião foi realizada

exposição de quadros no espaço cultural Soccicam com o tema *Amor e Maternidade*.

O que nos chamou a atenção para essa exposição foi um senhor que tirava fotos de praticamente todas as obras utilizando um telefone celular. Numa bate papo informal, perguntamos se ele era morador do Rio e obtivemos como resposta uma negativa. Ele estava em trânsito. Em seguida, perguntamos por que tirava tantas fotos. Por um lado, o usuário/ admirador disse que as fotos seriam para “ampliar as opções de papel de parede de seu celular”. Por outro, pensamos em reprodutibilidade. A resposta desse usuário veio unir-se a uma afirmativa de Benjamin (1994), pois “cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto de tão perto quanto possível, na imagem, ou melhor, na sua reprodução” (p. 101).

Resgatamos em Benjamin, um esclarecimento para essa dinâmica ocorrida entre o usuário, seu celular e a exposição. Diz Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte “ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob a forma de fotografia [...]. A catedral abandona seu lugar para instalar-se no estúdio de um amador [...]” (BENJAMIN, op.cit: 168). Seguindo essa idéia de Benjamin, nota-se que esse usuário está levando muito além de obras de arte transformadas em papel de parede para o celular. Sem perceber, o usuário leva consigo a própria exposição e mesmo que a descarte mais adiante, conforme Lemos (2007: 34), por instantes ou quem sabe até dias as fotos revelam-se a apropriação de um evento.

<sup>6</sup> Rio que corta a cidade de Juiz de Fora.

### 4.3 Sociabilidades

Deixando o universo do controle de pessoas e do trabalho, nos deparamos com outro nível de efeitos que emergiram com os usos dos telefones celulares. A amplificação dos contatos sociais. Estar conectado, mesmo que para uma conversa banal, tornou-se recorrente entre os usuários da tecnologia midiática. Um desses efeitos foi detectado por Katz (1997). Ele diz que o acesso as pessoas em trânsito, quando estão com os seus automóveis, por exemplo, era limitado até o surgimento da telefonia móvel. Para ele os usos do telefone celular se intensificaram, principalmente, entre as pessoas que estão viajando, por exemplo, de ônibus e, nesse sentido, parece haver um diálogo entre Katz (op.cit) e Bauman (2004) quando o sociólogo, complementando a fala do estudioso da comunicação móvel, lembra que é normal ouvirmos, dentro dos ônibus, a conversa dos passageiros com os seus interlocutores distantes. Parece que há no usuário a necessidade de entrar em contato no sentido de informar o horário da partida, as horas presumíveis em que chegará ao destino, dentre os assuntos que são tratados durante a conversa.

Mas é no estudo de Mendes de Almeida e Tracy (2003) que encontramos uma substancial ilustração sobre os usos dos telefones celulares conformando sociabilidades. Durante a leitura desse texto percebe-se que o celular se mostra presente em quase todas as situações descritas mediando não só contatos remotos, mas, também, sendo utilizado como ferramenta indicadora de certas dinâmicas de pertencimento, e de poder ser acessado ou acessar a qualquer momento.

O tema central do livro das pesquisadoras aponta o nomadismo como característica principal aos deslocamentos desses jovens. A definição de nômade demonstra que os jovens inseridos na noite carioca estão sempre em movimento entre um lugar e outro, portanto, o telefone celular passa a ser o coadjuvante nesses deslocamentos.

Informa-nos Mendes de Almeida e Tracy (2003) que, entre os jovens pesquisados, é;

Através do uso compulsivo de telefones celulares, [que] indivíduos e grupos espalhados em diversos pontos da cidade permanecem conectados formando uma verdadeira rede de comunicações simultâneas. No interior dos carros em movimento, nas pequenas rodas que se formam no posto, nas portas e, como veremos adiante, até mesmo no interior das boates, o celular é instrumento fundamental (p. 35).

Os telefones celulares, além de serem o instrumento que fornece ao usuário a fluidez nos seus deslocamentos não o prendendo aos lugares, tornam-se visíveis em outro contexto de uso: a composição com o vestuário.

Entendendo que se vestir é, de modo geral para os jovens, na concepção de Canevacci (2005) “uma forma pela qual o sujeito-jovem estabelece não apenas módulos de aceitação, mas também produção do seu eu. O que aparentemente pode parecer um amontoado de códigos de massa significando, na verdade, torna-se um conjunto pleno de sentido para seu idealizador e portador e para a relação com os amigos” (P.34).

O ideal é estar na moda e no conjunto entre roupas e objetos “as chaves dos carros, relógios e celulares são dispostos estrategicamente de modo a tornarem-se visíveis. A ostentação seriada do ‘novo’ e a aparente ausência de estilos ‘personaliza-



dos'confirmam que a moda rege as boates" (p.190).

Já nas portas das boates, na fila de entrada, os telefones celulares serão usados para distribuir ou receber informações sobre a danceteria que poderá ser ou não freqüentada e contribuindo com as mensagens de texto SMS que trafegam entre os telefones. Uma rede de informações rápida e poderosa.

Em última instância, vamos nos deter nesse tópico, o celular dentro das boates, para entender melhor como essa prática é potencializada na noite e que resultados ocorrem.

O telefone celular passa a ser o termômetro dos lugares mais interessantes e atua como divulgador ou denúncia que determinado local não está de todo atraente. Para Mendes de Almeida e Tracy (2003) todo esse conjunto de práticas "aponta[m] o papel estratégico do celular no contexto da pré-night" (p. 36).

O uso do celular dentro das boates, na narrativa de Mendes de Almeida e Tracy (op.cit), despertou nossa atenção. De certo modo, esse uso dentro da danceteria fez com que o telefone celular passasse a ser o concorrente direto desses locais, principalmente daqueles onde o movimento esteja inexpressivo.

Assim, Mendes de Almeida e Tracy (Ibidem: 57) dizem que "apesar das dificuldades de captação no interior da boate, o uso do celular é cada vez mais comum nas casas noturnas, o que é motivo de preocupação para os empresários". Os celulares, portanto, passam a ser o termômetro desses ambientes e concorrentes diretos das casas noturnas.

Reproduziremos, integralmente, uma fala de um dono de boate, captada através de entrevista produzida pelas pesquisadoras, de-

nunciando que o uso do celular passou a ser recorrente no sucesso ou insucesso de determinadas noites das casas noturnas da cidade do Rio de Janeiro.

Antigamente, era mais fácil manter o público na boate. Hoje em dia, os jovens saem em grupos de quatro ou cinco: 'pra onde a gente vai?' 'Pra tal lugar'. E antigamente não tinha celular. Hoje as meninas vão para a boate, isso acontecia muito na People: 'e aí, onde você ta?' ' Tá fraco, tô indo embora'. Aí pronto, esvazia o lugar em dois minutos. Lá na People, só pegava celular na escada. Por que se o pessoal liga de lá: 'olha, ta fraco aqui. Tô indo embora', isso faz um movimento danado. Eles se comunicam de madrugada pelo celular e fazem o que eu chamo de via sacra: ficam de uma em uma [referindo-se as boates] vendo onde está bom (MENDES E ALMEIDA E TRACY, 2003: 57 – *GRIFO DAS AUTORAS*).

Estes são alguns exemplos de sociabilidades que emergiram com os usos dos telefones celulares e que mostram claramente usos distantes dos conteúdos da tecnologia midiática.

## 5 Considerações

Assim, pretendeu-se com esse breve estudo evidenciar como a tese McLuhaniana, *o meio é a mensagem* pode servir como fundamento aos usos dos telefones celulares ao elencarmos exemplos desses novos ambientes que surgiram com o uso da tecnologia.

Os telefones celulares ao serem utilizados no controle de pessoas, no trabalho, nas viagens, mediando sociabilidades, demonstram, certamente, usos que se distanciam dos seus conteúdos, pois vem desem -pe -nhan -do funções imprevistas e inesperadas, como se

possuísem propriedades e capacidades que o afastam, por exemplo, de um uso semelhante a de um telefone fixo.

Assim, retomando a perspectiva de McLuhan (2001), verificamos como o telefone celular, como meio, está inserindo uma mensagem que evidencia novas dinâmicas na comunicação contemporânea. Concretamente, muitas das indicações de McLuhan podem ser observadas, por exemplo, a própria forma de envio de mensagens nos celulares, a escrita extremamente abreviada aproximando-se e muito da forma de falar, em outras palavras, uma escrita oral.

A questão geográfica que deixa de existir com o uso dos celulares, não importando o lugar que se esteja, o acesso é praticamente imediato em muitos locais. Enfim, a mudança de escala, como quer McLuhan, ocorreu modificando a forma de comunicação, pelo menos quando o meio for o celular.

Entretanto, os ambientes aqui apresentados como ilustração são apenas uma pequena parcela de tantos outros que, certamente, emergem com os usos dos telefones celulares e as questões aqui apresentadas não encerram os estudos sobre a mídia, existem outros recortes, certamente, ávidos para serem descobertos que possam dar conta de um dos maiores fenômenos da comunicação contemporânea.

## 6 Referências

- BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2007) *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BENJAMIN, W. (1994). *Obras Escolhidas*. magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense.
- CANEVACCI, M. (2005). *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A.
- COUTO, G. H.R. (2007a). Celulares: a tecnologia do telefone móvel mediando uma nova linguagem. In\_: Revista ECO-PÓS/ UFRJ. *Comunicação e Saúde*. Vol. 10, n 1. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ.
- \_\_\_\_\_. (2007b). *Os Usos dos Celulares ou Quando a Foto em Rede é a Mensagem*. In\_: 2º Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro: PUC.
- KATZ, J. E. (1997). As Conseqüências Sociais da Comunicação Sem Fio: Uma Análise Seletiva dos Setores Residenciais e Comerciais nos EUA. In\_: STUDIES, Institute for Information. *Os Telefones e o Mundo Que Surgem da Comunicação Sem Fio*. Rio de Janeiro; Expressão e Cultura.
- LEMOS, A. (2007). Comunicação e Práticas Sociais no Espaço Urbano: As Características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). In\_: *Comunicação, Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing*. V.4, n.10 (Julho 2007). São Paulo: ESPM.

MCLUHAN, M. *O Meio São as Massa-gens*. (1967). Rio de Janeiro : Record.

\_\_\_\_\_. (2001). *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix.

MCLUHAN, S. e STAINES, D. (2005). *McLuhan por McLuhan: Conferências e Entrevistas*. Rio de Janeiro: Ediouro.

MENDES DE ALMEIDA, M. I. e TRACY, K. M. A. (2003). *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro, Rocco.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (2006). Internet: Uma Plataforma de Vida. In\_: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (org). *Cabeças Digitais. O Cotidiano na Era da Informação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, São Paulo: Loyola.

PEREIRA, V. A. (2006). *Marshall McLuhan, o Conceito de determinismo Tecnológico e os Estudos dos Meios de Comunicação Contemporâneos*. Unirevista, v. 01, n. 03, p. 01-09, julho.

SANTAELLA, L. (2007). *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus.